

SUMÁRIO

Os encontros entre os Portugueses e os Japoneses no sec. XVI tiveram um papel importante na história do Japão. Para além de estabelecerem relações comerciais entre os dois países e de levarem o Cristianismo ao Japão, os Portugueses proporcionaram o primeiro contacto com uma cultura diferente e com o Outro, contra o qual a identidade japonesa começou a ganhar forma.

Partindo de uma análise histórica e com base numa análise de textos escolares e em entrevistas realizadas no Japão, este artigo apresenta uma análise do que os Japoneses aprendem sobre os Portugueses e a ideia que fazem deles. A principal conclusão é de que Portugueses, comércio e Cristianismo são vistos como indissociáveis, tal como de facto o foram historicamente.

ABSTRACT

The encounters between the Portuguese and the Japanese in the sixteenth century played an important role in the history of Japan. The Portuguese established trade relations between the two countries, introduced Christianity into Japan and, by being the first contact of the Japanese with a different culture, constituted the Other against whom the Japanese identity took shape.

Beginning with a historical overview, based on an analysis of textbooks used in Japanese schools and on interviews conducted in Japan, this article examines what the contemporary Japanese learn about the Portuguese and how they are taught to perceive them. The main conclusion is that the Portuguese, trade and Christianity are seen as being closely associated, just as in fact they were in the past.

INTRODUÇÃO

Os Portugueses foram os primeiros Europeus a contactar com os Japoneses e todos os Japoneses sabem disso. As crianças japonesas começam a ouvir falar dos Portugueses na escola primária e continuam a ouvir falar deles ao longo da sua educação escolar. Não há livro de História que omita o facto, pois sem a menção aos Portugueses a história do Japão ficaria incompleta.

Os estudos sobre os encontros entre Japoneses e Portugueses têm sido limitados a uma análise histórica. O presente estudo tem uma abordagem diferente. Tendo como ponto de partida os encontros históricos entre Japoneses e Portugueses, analisa o que os Japoneses aprendem sobre o assunto e a ideia que fazem de Portugal e dos Portugueses. Para tal, foram analisados os textos escolares usados no Japão contemporâneo no ensino primário, secundário e de acesso à universidade e foram feitas entrevistas a sessenta Japoneses em três diferentes localidades no Japão.¹

Um dos argumentos aqui apresentados é de que os encontros com os Portugueses no século XVI tiveram uma importância significativa na unificação do Japão e na construção da identidade japonesa e este aspecto destaca-se nos textos escolares e quando os Japoneses pensam nos Portugueses.

É necessário começar por fazer um apanhado histórico dos encontros entre os Portugueses e os Japoneses, que será seguido pela apresentação e discussão dos dados da investigação.

OS PORTUGUESES NO JAPÃO

PROPAGAR A FÉ E FAZER NEGÓCIO

As primeiras notícias do Japão chegaram à Europa pela primeira vez com os livros de Marco Polo, mas o interesse dos Portugueses pelo Japão só despertou com o contacto com a China em 1513.

¹ Este estudo foi feito em colaboração com Shuji Taneguchi, que levou a cabo as entrevistas em Oita e colaborou na análise dos textos escolares.

Segundo fontes japonesas, dois Nambanjin² chegaram às costas da ilha de Tanegashima, no sul do Japão, em 1543.³ Três anos depois, Jorge Álvares escreveu um primeiro relatório sobre o Japão, depois da chegada dos Portugueses, que contém a descrição de plantas, animais e vulcões existentes no país, assim como descrições dos Japoneses e dos seus costumes. Jorge Álvares encontrou Francisco Xavier em 1547 em Malaca e apresentou-lhe Anjiro (Yajiro) que tinha vindo do Japão com os Portugueses. Este encontro parece ter sido decisivo na ida de Francisco Xavier e outros missionários para o Japão (Matsuda, 1965: 4).

A chegada de Francisco Xavier ao Japão como primeiro missionário é um marco histórico nos encontros entre Europeus e Japoneses. Em Abril de 1549, Francisco Xavier chegou a Kagoshima em Kyushu (a terra de Anjiro) com dois Jesuítas espanhóis. Pouco depois da sua chegada, escreveu a um amigo em Goa dizendo que de todos os povos herejes que tinha conhecido, o povo japonês era o melhor. Segundo ele, nenhum outro povo se lhe podia comparar, pois os Japoneses eram muito bondosos e honestos, sem albergar maus pensamentos. Escreveu ainda que tinham sentido de humor e uma ambição surpreendente por fama (Matsuda, 1965: 5).

São Francisco Xavier tornou-se um emissário do Vice-rei da Índia e nessa qualidade contactou o senhor feudal Oouchi Yashita, levando-lhe presentes de Portugal (relógios, instrumentos musicais, vinho, entre outras coisas) e um pedido para pregar a doutrina cristã. Apesar da oposição dos monges budistas, foi-lhe concedida a permissão e o próprio senhor feudal se converteu ao Cristianismo.

Naquela época, o Japão era dilacerado por guerras internas que impediam grandes deslocações e os missionários exerceram as suas actividades sobretudo na ilha de Kyushu, ao sul do país. Francisco Xavier foi muito bem

² Literalmente, bárbaros do Sul. Este termo era também usado para designar os Espanhóis e de um maneira geral todos os Europeus de acordo com a prática chinesa, porque eles vinham dos mares do Sul. Sobre o assunto ver Varey, 1984:128. Em Japonês a palavra é escrita com “*n*” (Veja-se, por exemplo, o dicionário Kenkyusha.) contudo, nos textos ocidentais é sempre escrita com “*m*”.

³ Não há, porém, certeza quanto à data. Francisco Xavier, numa carta escrita em 1552 diz que os Portugueses chegaram ‘há sete ou oito anos atrás’. As datas 1530 e 1541 também têm sido consideradas. Em relatos japoneses as primeiras referências aos Portugueses são feitas com uma data (12º ano de *Tembun*) que corresponde no calendário ocidental a 1543. Sobre o assunto consultar, por exemplo, Matsuda, 1962.

recebido e estabeleceu uma missão em Yamaguchi, no entanto, não podemos afirmar linearmente que o Cristianismo fosse bem aceite ou que todas as conversões ao Cristianismo fossem meramente inspiradas por sentimentos religiosos. Os comerciantes eram de facto bem recebidos, mas o mesmo não se passava com os missionários. Compreendendo isto, os missionários resolveram explorar o interesse pelo comércio para evangelizar os Japoneses. Comerciantes e missionários completavam-se nas suas actividades.

Desde a chegada dos primeiros Portugueses ao Japão que comerciantes portugueses se dirigiam à ilha de Kyushu. A princípio, o comércio era conduzido por empresas privadas, mas, à medida que aumentavam os lucros, o estado português decidiu intervir e começou a organizar o comércio com o Oriente. A partir de 1556, um barco por ano dirigia-se ao Japão (Matsuda, 1965: 10-11).

O comércio entre o Japão e a China tinha sido proibido pelos imperadores Ming em 1480. No entanto, continuavam a realizar-se algumas transacções comerciais (Boxer, 1979: 9). Entre 1553 e 1562, devido às actividades de um bando de Chineses e Japoneses que espalhava o terror ao longo da costa chinesa, em breve poucos Japoneses se atreviam a ir à China e poucos Chineses se atreviam a ir ao Japão. Nestas circunstâncias, os Portugueses depressa perceberam que, servindo de intermediários comerciais entre os dois países, podiam obter grandes lucros (Matsuda, 1965).

Não é possível estimar com precisão o volume de negócios, mas não restam dúvidas que esta actividade foi muito lucrativa para os Portugueses. Os Japoneses importavam sobretudo seda, ouro, veludo, cerâmica e exportavam prata e objectos feitos em lacre. O intercâmbio entre Portugueses e Japoneses não se limitou a actividades comerciais e estendeu-se a diferentes áreas. A missão de Alessandro Valegnani, sucessor de Francisco Xavier, ao governante japonês Hideyoshi em 1590, deu ímpeto à presença dos Portugueses no país e, de acordo com um relato da época, ‘em pouco tempo tornou-se moda ser Português em tudo’ (Boxer, 1979: 42). *Namban mono* (as coisas dos bárbaros do Sul) atraíam os Japoneses. Alguns daimyo traziam crucifixos e cruzeiros ao pescoço sem ter ideia do simbolismo do seu verdadeiro uso.⁴ As vestes dos

⁴ O termo ‘*Bakufu*’ traduzido em Inglês por ‘*shogunate*’ é o termo genérico para designar o governo da classe guerreira a partir do período Kamakura (1185-1333). Depois do colapso do *shogunate* na Guerra Onin (1467-1477) o termo ‘*daimyo*’ começou a ser usado para referir os novos senhores feudais. Sobre o assunto ver Reischauer, 1981.

Portugueses impressionavam particularmente os Japoneses e vários artistas retratavam os Portugueses vestidos com trajes da época. *Nambanjin toraizu byobu*, um painel biombo do século XVI, é disso um exemplo.⁵

Alguns autores atribuem o sucesso inicial dos Portugueses no Japão a uma afinidade natural entre os dois povos, por terem um clima semelhante e partilharem uma grande afabilidade (Kaempfer citado em Boxer, 1979: 43). Também já foi afirmado que ambos os povos eram semelhantes, por prezarem a carreira das armas acima de tudo e considerarem os comerciantes como ocupando o lugar mais baixo da escala social (Matsuda, 1965).⁶ Houve quem visse uma semelhança entre o fidalgo e o samurai, mas, como Chamberlain observou, o ideal cavalheiresco do Ocidente de 'Deus e as damas' ('God and the ladies') não interessava minimamente ao samurai (Boxer, 1979: 43). A curiosidade e fascínio provocados pelo contacto com uma cultura diferente devem ter desempenhado um papel determinante na atracção que os Japoneses sentiram pelos primeiros Europeus com quem contactaram.

Independente da razão para o sucesso inicial dos Portugueses no Japão, a moda dos Portugueses não durou muito e nem tudo correu sempre bem. Catorze Portugueses foram mortos em Hirado, devido a um mal-entendido e a dificuldades de comunicação. Porém, em 1561, depois deste incidente, quando um missionário e um piloto portugueses procuravam um bom porto, entraram em Yokoseura, domínio de Omura Sumitada, foram bem recebidos, e Omura, além de oferecer os seus domínios para a construção de uma igreja, isentou os Portugueses de impostos por um período de dez anos. Omura foi baptizado e a partir daí Yokoseura tornou-se o porto de destino para os Portugueses.

O ambiente amigável não reinou por muito tempo. Muitos Japoneses não aceitavam o Cristianismo e os senhores feudais vizinhos de Omura começaram a levantar problemas. Omura Sumitada permitiu então aos Portugueses o uso do porto de Nagasaki, ao qual os Portugueses chamaram o melhor porto do mundo (Matsuda, 1965). Uma igreja foi construída numa colina e, a partir de 1571, os barcos portugueses começaram a dirigir-se a Nagasaki.

⁵ O biombo encontra-se no *Nanban Bunka Kan* (Museu da Cultura dos Bárbaros do Sul), Museu de Osaka.

⁶ Embora não haja investigação sistemática sobre o assunto, estas afirmações são todas elas muito discutíveis.

Ao rei de Portugal competia pagar as despesas de manutenção em Nagasaki como protector das missões no Japão. Parece, no entanto, que esses pagamentos raramente se efectuavam e a Igreja dependia exclusivamente do negócio dos barcos portugueses. Lafcadio Hearn (1922), um bom conhecedor do Japão, afirma que os Portugueses pediram insistentemente Nagasaki para a Igreja. Outros autores sugerem que os Jesuítas conspiravam apoderar-se do Japão para o entregarem ao rei de Portugal. (e.g., Montanus em Matsuda, 1965). O certo é que em 1580, Omura Sumitada assinou um contrato concedendo Nagasaki à Sociedade de Jesus. Nagasaki foi território da Igreja durante sete anos e tornou-se a cidade dos Cristãos e o refúgio para os Japoneses convertidos ao Cristianismo, expulsos das suas terras por terem abraçado a fé cristã. Em 1587, Nagasaki foi anexada por Toyomi Hideyoshi, mas continuou como centro da Igreja no Japão até 1614. A situação mudou a partir desta data com o desenrolar dos acontecimentos que a seguir se relatam, mas, ainda hoje, Nagasaki é associada à Igreja Católica.⁷

Como já foi dito, a propagação da fé cristã fazia-se, mas não sem dificuldades. Os missionários tinham que enfrentar a oposição das religiões tradicionais (Budismo e Xintoísmo). O missionário Luís Frois comparou as adversidades com as quais os missionários tinham de lutar no Japão às dificuldades que um Marroquino muçulmano sentiria se tentasse construir uma mesquita em Lisboa (Matsuda, 1965: 21).

Apesar das dificuldades, Luís Frois conseguiu construir uma igreja numa mistura de estilo japonês e europeu em Quioto e o número de Japoneses a converter-se ao Cristianismo foi aumentando. Por volta de 1580, havia 150.000 Cristãos e este número duplicou no início do século XVII (Reischauer, 1981: 87). Em 1590, havia 350.000 Cristãos numa população nacional de 27.000.000 (Yamauchi, 1988: 2).

Embora os Jesuítas tivessem geralmente uma certa preocupação em respeitar as diferenças culturais e adoptar os costumes nativos, nem todos os missionários partilhavam essa preocupação (Yamauchi, 1988). Alguns missionários defendiam posições eurocêntricas e censuravam os costumes japoneses. O padre português Francisco Cabral é disto um exemplo. Considerava os Japoneses como uma raça bárbara, não admitia que os Jesuítas japoneses intervissem na educação

⁷ Como resultado das iniciativas do Consul do Japão Nunes de Carvalho, Nagasaki é actualmente a cidade irmã do Porto. Comunicação pessoal do Consul.

dos padres japoneses e não permitia que os padres mais jovens aprendessem Japonês, pois considerava ser uma língua demasiado árdua para Europeus. Condenava a maneira de viver dos Japoneses, as suas maneiras e também o facto de não comerem carne. Este padre foi substituído por um outro que defendia a ideia de que os missionários deviam seguir os costumes japoneses, excepto no que dizia respeito à maneira de vestir.

A intolerância relativamente às diferenças culturais era recíproca e, passado o fascínio inicial, muitos Japoneses comentavam a estranheza dos costumes estrangeiros e ressentiam a imposição desses costumes e de tudo quanto lhes era estranho. As 'diferenças' começaram a ser usadas para construir o Cristianismo como a religião do Outro, que ameaçava a identidade cultural, conforme irá ser explicado.

OS CRISTÃOS SÃO EXPULSOS

Na segunda metade do século XVI, o *daimyo* (senhor feudal) Oda Nobunaga iniciou o processo de unificação do Japão, que foi depois continuado por Toyomi Hideyoshi e Tokugawa Ieyasu. Este trabalho de unificação do país foi ajudado pelas armas produzidas a partir daquelas que os Portugueses levaram para o Japão e está intimamente relacionado com as atitudes do poder em relação à presença dos Cristãos.

Os Cristãos tinham sido bem recebidos por Nobunaga, que viu os missionários como aliados na sua luta para destruir o poder das seitas budistas (Reischauer, 1981: 87). Contudo, a intolerância religiosa dos missionários provocou uma grande resistência por parte dos Budistas, e Hideyoshi, depois de ter re-unificado o país, começou a ver o Cristianismo como uma força subversiva a essa união. Os Japoneses sabiam que a conquista política das Filipinas tinha sido acompanhada pela difusão do Cristianismo, e alguns deles suspeitavam que as lealdades cristãs para com Deus poderiam pôr em causa a lealdade para com os senhores feudais. Entretanto, outros Europeus tinham começado a chegar ao Japão.

Em 1592, os Espanhóis tinham começado a dirigir-se ao Japão vindos das Filipinas juntamente com frades franciscanos que rivalizavam com os Jesuítas. Em 1609, chegaram os Holandeses, e em 1613, os Ingleses. A chegada destes Europeus e as suas querelas e rivalidades fomentaram a má vontade em relação à presença dos Portugueses (e de outros Europeus) no país e à evangelização que eles promoviam.

Já em 1587, antes da chegada de outros Europeus, Hideyoshi tinha decretado a expulsão dos Cristãos e, em 1597, mandou enforcar nove missionários portugueses e dezassete Cristãos japoneses (Reischauer, 1981: 88). No entanto, considerações de carácter económico levaram Hideyoshi a reconsiderar a decisão. Chamou Valignano e disse-lhe que estava disposto a permitir a presença dos comerciantes, mas não a dos missionários. Como lhe foi dito que isso não seria possível e que, se a presença dos missionários não fosse autorizada, os barcos portugueses não aportariam mais no Japão, Hideyoshi abandonou a decisão de expulsar os Cristãos.

Não havia dúvidas que o comércio que os Portugueses proporcionavam interessava ao Japão mas, como não era possível separar o comércio das actividades religiosas e o número de convertidos aumentava cada vez mais, a decisão de expulsar os *Nambanjin* foi retomada. Em Outubro de 1596, um galeão espanhol a caminho das Filipinas foi destruído e a sua carga confiscada por Hideyoshi. No Verão do mesmo ano, Hideyoshi mandou prender frades franciscanos. É difícil saber o que, de facto, aconteceu, mas há relatos de vinte e seis Portugueses e Espanhóis mandados matar por Hideyoshi (Matsuda, 1965: 35).

Em 1603, Tokugawa Ieyasu tornou-se Shogun e prosseguiu o trabalho de consolidação da unificação do país, empenhando-se na tarefa de criar um governo central. Inicialmente a sua atitude em relação aos Cristãos era amigável, atendendo aos interesses envolvidos, mas a sua atitude mudou radicalmente e começou a tomar medidas contra eles. Em 1606, começou a decretar éditos anti-Cristãos, e em 1612, começou uma brutal perseguição.

As investidas contra Portugueses e Espanhóis aumentavam. Aquele que ficou conhecido como o incidente da nau *Madre de Deus* ilustra bem as tensões existentes. Não nos compete aqui contar o incidente detalhadamente. Basta apenas referir que, em 1608, uma briga entre alguns Portugueses e a tripulação japonesa de um barco aportado em Macau provocou a morte de Japoneses, o que levou André Pessoa, o capitão da nau *Madre de Deus*, a intervir.⁸ De acordo com o relato que os Japoneses fizeram do incidente a Ieyasu, os Portugueses teriam impedido os Japoneses de comprar directamente aos Chineses e tê-los-iam atacado. A versão dos Portugueses era diferente e

⁸ Sobre o incidente *Madre de Deus* ver Charles Boxer, *The Affair of the 'Madre de Deus': a Chapter of the History of the Portuguese in Japan*, Kegan Paul, 1929.

afirmava que os Japoneses estavam fora de qualquer controlo. Quando esta nau chegou a Nagasaki, o capitão pediu a Ieyasu para deixar de enviar barcos japoneses a Macau. Ieyasu já tinha conhecimento da versão japonesa dos acontecimentos e ordenou um inquérito, mas Pessoa, suspeitando que os Portugueses corriam risco de vida, preparou a partida da nau. O proprietário do barco japonês cuja tripulação tinha tido a rixa com os Portugueses, apercebendo-se dos preparativos da nau portuguesa para a partida, preparou um ataque à nau. Pessoa, tendo prometido que não permitiria que os Japoneses se apoderassem da carga nem que fosse aprisionado vivo, ordenou a explosão da nau.

A tensão aumentava, mas Macau dependia do comércio com o Japão e as autoridades portuguesas preocupavam-se com a possibilidade de esse comércio acabar. Em 1611, D. Nuno de Sotto Mayor chegou a Kagoshima como embaixador do Vice-rei da Índia e ofereceu a Ieyasu vários presentes. Falou-lhe das relações comerciais entre Macau e o Japão e pediu-lhe uma indemnização pelo que tinha acontecido à nau *Madre de Deus*. Tudo o que conseguiu foi uma licença para que o comércio entre Macau e o Japão continuasse. Contudo, a situação complicava-se cada vez mais e o lugar dos Portugueses no Oriente já estava a ser ocupado pelos Holandeses e pelos Ingleses.

Um édito do governo Tokugawa declarava que Portugueses e Espanhóis não iam ao Japão com intenções de fazer comércio, mas sim com o propósito de evangelizarem os Japoneses e de se apoderarem do Japão. Por essa razão, a sua presença no país era considerada indesejável. Os éditos de 1633 e os que lhes seguiram ditavam a sentença de morte aos Japoneses que, tendo estado noutra parte, regressassem ao Japão. Ofereciam também recompensas a quem denunciasse padres católicos e exigiam que os descendentes de Portugueses e Espanhóis saíssem do país (Matsuda, 1965: 49).

Para agravar a situação, entre 1637 e 1638, dá-se a rebelião de Shimabara, organizada por camponeses oprimidos economicamente, esfomeados e cansados das perseguições religiosas de que eram alvo. Como muitos deles (possivelmente a maioria) eram cristãos, este tumulto forneceu o pretexto para as autoridades massacrarem pelo menos 20.000 camponeses.

Se a brutalidade da perseguição de que os Cristãos foram alvo surpreende, muito mais surpreendente é a coragem de milhares de Cristãos japoneses que não renunciaram à sua fé suportando a tortura. Também é de referir a

coragem e a devoção de muitos missionários que, correndo riscos de vida, continuaram a infiltrar-se clandestinamente no Japão com o propósito de evangelização. A obra *Chinmoku* (O silêncio), embora seja uma obra de ficção, dá uma ideia, tanto das perseguições, como da resistência às mesmas.⁹

A Igreja Católica reconhece oficialmente 3.000 mártires, dos quais apenas setenta são Europeus (Reischauer, 1981: 88). Muitos Cristãos esconderam-se numa pequena ilha em Kyushu, que é hoje lugar de peregrinação para muitos Católicos japoneses que, deste modo, prestam homenagem aos Cristãos torturados durante esse período.

OS PORTUGUESES E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE JAPONESA

Vários factores têm sido apontados para explicar a decisão política de expulsar os Cristãos. Um desses factores foi o receio de o Japão ser colonizado por forças europeias. Este receio foi exacerbado com a colonização das Filipinas pelos Espanhóis. Essa colonização tinha sido antecedida pela chegada dos missionários. Um outro factor decisivo foi a intolerância dos missionários em relação a outras religiões, o que provocou má-vontade por parte das Budistas e Xintoístas. De referir são também as desavenças entre Jesuítas, Dominicanos e Franciscanos, que levantavam suspeitas quanto às suas verdadeiras intenções. As campanhas anti-católicas dos Holandeses e Ingleses protestantes que começaram a chegar ao Japão na primeira década do século XVI contribuíram para acalantar animosidades. O tráfico de escravos japoneses também desagradava e provocava suspeitas sobre as intenções dos Portugueses (Matsuda, 1965: 37). O tumulto de Shimabara, supostamente organizado por Cristãos, provocou uma grave desordem social e as autoridades japonesas receavam que outros tumultos se sucedessem e desse modo o Cristianismo subvertesse a ordem dominante. Não há dúvida que todos estes factores foram importantes, mas é necessário analisar o contexto histórico-político em que a decisão de expulsar os Europeus teve lugar para melhor a compreender.

⁹ Embora seja uma obra de ficção, é baseada na história verdadeira do padre português Cristovão Ferreira, que renegou à fé Cristã em Nagasaki em 1633. Shusaku Endo publicou *Chinmoku* em 1966 e a obra foi traduzida em Inglês como *Silence* e publicada por Charles Tuttle em 1969. Actualmente há várias edições desta e em várias línguas mas não em Português. O autor era Católico, mas tinha uma visão crítica do Cristianismo no Japão.

Como vimos, no período que antecedeu Hideyoshi, o Japão era um país dividido por guerras entre senhores feudais. Para conseguir a unificação e formar uma nação era necessário forjar uma consciência nacional. Embora os esforços ideológicos nesse sentido só tivessem começado verdadeiramente na época Meiji (1868-1912), eles têm as suas raízes no período que a precedeu e a construção da identidade japonesa começa a ganhar forma com a identificação do Outro (os *Nambanjin*, os Cristãos, os Europeus).¹⁰

As culturas nacionais constituem as suas identidades através de, e demarcando, as diferenças. Ao definir o 'Outro', auto-definem-se, tal como acontece ao que Jacques Lacan (1977) chamou a fase do espelho. Chineses e Coreanos tinham sido um 'Outro' próximo. Os Portugueses foram o objecto de contraste que contribuiu para que os Japoneses se vissem como sendo diferentes e, portanto, como tendo identidade própria.

Este processo foi guiado pelas preocupações políticas dos governantes. Era preciso fazer os Japoneses partilharem da mesma identidade. A presença de ideias estranhas ao país constituía uma ameaça a esse propósito e tornava-se necessário exorcisar os estrangeiros (o Outro) para que a identidade nacional fosse construída. É importante fazer aqui uma curta observação- a história do Japão caracteriza-se pela ambivalência e constantes oscilações entre total aceitação e total rejeição da influência estrangeira. Isto observa-se já em relação à influência chinesa nos primórdios da história do Japão e continua na época contemporânea.

Com a expulsão dos Portugueses e outros Europeus, o Japão fechou as portas ao resto do mundo. Apenas os Chineses e os Holandeses foram autorizados a permanecer no pequeno porto artificial de Deshima em Nagasaki com as suas actividades circunscritas ao comércio.

O Japão ficou isolado durante mais de dois séculos, até que o Comandante Perry, com a sua esquadra, o obrigou a abrir as suas portas em 1853. Cinco anos depois, o Japão assinou tratados com os Estados Unidos, a Holanda, a Rússia, a Inglaterra e a França. As relações com Portugal só foram retomadas dois anos depois, por insistência de um Holandês (Matsuda, 1965: 61).

¹⁰ Sobre o assunto ver, por exemplo, Howell, 1994. Sobre os esforços ideológicos na época Meiji ver Gluck, 1985.

Do que foi dito, ressalta a importância dos encontros com os Portugueses na história da constituição do Japão como nação e na construção da própria identidade japonesa. Analisaremos de seguida a forma como estes encontros são apresentados nos textos escolares.

O QUE OS JAPONESES APRENDEM: ANÁLISE DOS TEXTOS ESCOLARES

Uma análise dos principais textos escolares usados pelas crianças e jovens japoneses revelou que todos fazem referência à chegada dos Portugueses a Tanegashima, em 1543, com as armas (*teppou*). Referem-se ainda à introdução do Cristianismo por Francisco Xavier e às actividades comerciais entre Portugueses e Japoneses que começaram em Hirado e Nagasaki e que são designadas por comércio *Namban*. Num desses livros a parte que trata dos Portugueses aparece sob os títulos: 'De quem foi o maior papel na unificação do Japão?' e 'Além das armas, que mais foi introduzido vindo da Europa?'

Em todos os livros são referidas palavras portuguesas que entraram no vocabulário japonês como *Bisuketto* (biscoito); *kompeitou* (confeitos, doces); *shabon*, muitas vezes dizem *shabon dama* (bola de sabão), *kasutera* (castela, bolo tipo pão de ló), *tabako* (tabaco), *botan* (botão), *pan* (pão), *koppu* (copo), *karuta* (carta). Num dos livros também se faz referência às palavras japonesas introduzidas na língua portuguesa como *katana*, *biombo* (*byobu*). *kasutera* (bolo tipo pão de ló) e tabaco são apresentados como exemplos de cultura *Namban* (*Namban Bunka*).¹¹

A difusão do Cristianismo por todo o Japão é sempre referida. Num dos livros da escola primária, um padre é citado a dizer que 'os Japoneses são capazes e compreendem bem as coisas e que aprendem a língua depressa'.¹² Um outro livro cita Francisco Xavier a dizer: 'Os Japoneses valorizam mais o

¹¹ Este bolo é muito comum no Japão e está à venda em todo o lado com vários sabores (chá verde, etc). O mais famoso e o considerado como o mais saboroso é o fabricado em Nagasaki. Curiosamente em Portugal também se faz *kasutera*. Paulo Duarte, que aprendeu a fazer o bolo em Nagasaki, dedica-se a essa actividade no Seixal e os Japoneses que vivem em Portugal é aí que se abastecem da saudosa *kasutera*. Notícia publicada num jornal de Nagasaki, *Nagasaki kokusei kouyou*, 'kasutera no satogaeri ni jounetsu' (O entusiasmo pelo regresso de kasutera à terra de origem), 27 Janeiro 1996.

¹² Livro do ensino primário, *Shakai 6 jou*, Kyouiku Shuppan Co, 1996:51

que é nobre do que a fortuna. Não gostam de ser objecto de chacota. São sinceros. São as melhores pessoas que eu já encontrei'.¹³

Nos livros da escola secundária, os assuntos acima referidos são um pouco mais desenvolvidos. Por exemplo, um deles (*Chuugaku Rekishi, Shimizu Shoin*, 1997) fala de Inácio de Loyola e da fundação da Companhia de Jesus em 1534 e um pouco sobre a história da Península Ibérica, como seja a expulsão dos Árabes da Península, a viagem de Vasco da Gama à Índia e a de Fernão Magalhães. Relata a chegada de Xavier a Kagoshima em 1549 e como começou a pregar o Cristianismo. Afirma que, em 1558, o número de Católicos era de cerca de 150.000 por todo o Japão. Fala também dos jovens japoneses enviados pelos *daimyo* que se tornaram Católicos e enviaram jovens missionários japoneses à Europa em 1582 por sugestão de Valliano. Um outro livro menciona que o número de Cristãos chegou a 370.000 no início do sec. XVII¹⁴ A título de ilustração apresenta-se a seguir o conteúdo de um desses livros:¹⁵

Em 1543, os Portugueses chegaram num barco enorme a Tanegashina, província de Kagoshima. Estes foram os primeiros Europeus que vieram ao Japão. Nesse barco trouxeram armas de fogo. Os Portugueses trouxeram armas pretas; à frente metiam-se umas bolas de metal que produziam um som parecido com o trovão. Mesmo longe penetravam. Serviram de modelo para o fabrico de outras e, em pouco tempo, espalharam-se no Japão como não se espalharam noutro lugar do mundo. Xavier traz Cristo a Kagoshima em 1549 e alguns *daimyo* são baptizados e são chamados *daimyo* cristãos, exercendo um papel importante no aumento do comércio entre Portugal e Japão. Sumitada Omura, o primeiro dos *daimyo* cristãos, faz a doação de Nagasaki aos Jesuítas e Nagasaki torna-se a Meca do comércio. Introdução da cultura *Namban* com importação de máquinas para imprimir livros, o que tornou possível a publicação de livros religiosos, de literatura e outros; pinturas ocidentais e palavras como *pan*, *kasutera*, *tabako* e *botan*. Hideyoshi proibiu o Cristianismo, mas permite o comércio. Valliano veio ao Japão inspeccionar o trabalho dos missionários.

¹³ *Watashitachi no Shougaku Shakai 6 jou*, Nihon Shosei, 1992: 52.

¹⁴ *Atarashii Shakai Rekishi*, Tokyo Shosei, 1997:114.

¹⁵ *Chuugaku Shakai Rekishi*, Kyouiku Pub.1997, p.112.

Os livros escolares dos últimos anos do secundário (*Kougaku*) desenvolvem os temas tratados nos anos anteriores. Um desses livros (*Nihonshi, Jikkyo Pub*, 1998) explica que os Portugueses são chamados juntamente com os Espanhóis de *Nambanjin*, enquanto os Ingleses e os Holandeses são chamados *Koumoujin* (pessoas de cabelo vermelho). Este livro fala também de Cultura *Namban* e da publicação de *Heike Monogatari* (conto japonês) em português e faz alusão à publicação do primeiro dicionário Japonês-Português. A título de exemplo apresenta-se resumo do conteúdo de dois dos livros:

Os Portugueses trouxeram as armas a Tanegashima em 1543 e iniciaram o comércio em Hirado, Nagasaki e Oita. Xavier trouxe o Cristianismo em 1549 e foi seguido por Gaspar Vila, Luis Frois, Valliano e outros; três *daimyo* Cristãos enviaram quatro missionários ao Papa em Roma (Mansho Ito, Miguel Chijiwa, Marchino Hara e Julian Nakaura).¹⁶

Vasco da Gama chegou a Macau em 1498 e deu início ao comércio com o Oriente. Os Portugueses trouxeram as armas em 1543, que se espalharam imediatamente por todo o Japão. Portugal iniciou o comércio com o Japão e a China, em Hirado e Nagasaki, em 1584. Xavier pregou o Cristianismo em Hirado, Yamaguchi, Kyoto, etc. Os jovens japoneses regressam em 1590, mas nessa altura Hideyoshi já tinha ordenado a lei que bania os Cristãos do solo japonês (*bateren kinshirei*). Por esse motivo eles não puderam continuar o seu trabalho missionário. Nessa época o Japão fechou-se ao resto do mundo.¹⁷

Depois de analisados os textos usados nas escolas japonesas, passamos de seguida a analisar as entrevistas.

ENTREVISTAS

A escolha da amostra de pessoas a entrevistar foi orientada pela preocupação de ser variada do ponto de vista etário, educacional e profissional e foi retirada de diferentes localidades. No total, foram entrevistados sessenta Japoneses, de idades compreendidas entre os vinte e os setenta anos, de ambos os sexos, em Okayama, Oita e Tóquio, de Setembro de 1998 a Junho

¹⁶ *Shin Nihonshi, Kirihara Shoten*, 1998:142

¹⁷ *Youkai Nihonshi, Shimizu Shoin*, 1998:88-89

de 1999. As três localidades foram escolhidas por referenciarem situações históricas, geográficas e culturais diferentes. Oita, na ilha de Kyushu, é a que mais sentiu a presença portuguesa, conforme foi explicado. As entrevistas eram abertas e começavam com a seguinte questão: 'O que é que lhe ocorre quando lhe falam de Portugal ou dos Portugueses?'¹⁸

Todas as pessoas entrevistadas sabiam que os Portugueses tinham sido os primeiros Europeus com quem os Japoneses tinham contactado e a maioria falou desses encontros como tendo sido o primeiro contacto com outra cultura e outro povo. Um povo exótico com costumes exóticos, nas palavras de uma jovem de vinte anos.

Tanegashima, Nagasaki, armas e Xavier são imediatamente evocados quando se fala dos Portugueses. A seguir vem o bolo *kasutera* e *tempura* (fritos tipo panados). Estes últimos fazem ainda parte da dieta japonesa e parecem ter sido particularmente importantes no imaginário popular. De acordo com uma entrevistada, há a lenda de que Tokugawa Ieyasu comeu tanta *tempura* que acabou por morrer.

Referências a Macau, Vasco da Gama e Fernão Magalhães foram frequentes. Sobressaíram as referências ao modo de vestir dos Portugueses tal como aparecem nos biombos, sobretudo no que respeita às golas e calças que eles usavam. O traje e as diferenças físicas provocaram sorrisos em várias entrevistadas. Uma mulher de sessenta anos, com um pequeno comércio em Tokyo, explicou que os Portugueses tinham um nariz tão comprido que espantaram os Japoneses.

Nem todos os entrevistados se lembravam bem do que tinham aprendido na escola. Dois jovens de vinte anos imaginavam Portugal perto da Holanda e uma outra jovem associava Portugal à aldeia holandesa que foi construída em Kyushu. Uma mulher de cinquenta anos associava os Portugueses à esquadra do comandante Perry e duas outras de sessenta anos não tinham qualquer ideia associada a Portugal ou aos Portugueses. Confusões entre Portugal e Espanha também não foram raras.

Se bem que a grande maioria das pessoas entrevistadas se limitasse a associações históricas, dois dos entrevistados em Tóquio falaram de Portugal

¹⁸ *Portugaru ka Portugarujin to kiitara nani wo ukabemasu ka.*

associado à cortiça e ao vinho do Porto. Oito dos entrevistados que tinham viajado pela Europa, dois dos quais com passagem por Portugal, falaram do escritor japonês Kazuo Dan que viveu na Nazaré por um ou dois anos. Uma entrevistada falou de um livro escrito sobre Portugal com o sugestivo título 'Onde a terra acaba e o mar começa' (*koko ni tochi owari umi ha hajimaru*) escrito por Miyamoto Teru. Contudo, tomava a frase no seu sentido literal e desconhecia que era retirada dos Lusíadas. Segundo ela, o livro levou-a a interessar-se por saber mais sobre Portugal, país que gostava de visitar. Contra algumas expectativas, só um entrevistado (professor na Universidade de Okayama) tinha ouvido falar de Venceslau de Moraes, mas nunca tinha lido nenhum livro escrito por ele. Sabia apenas que Venceslau se tinha apaixonado pelo Japão e tinha muitas saudades de Portugal.

Um professor de quarenta e quatro anos disse que em Portugal o mar era azul e a terra vermelha. Não foi possível saber como construiu esta imagem. Dois entrevistados associaram Portugal à Comunidade Europeia, três falaram da entrega de Macau à China e quatro mencionaram o prémio Nobel da literatura (José Saramago). A ideia de que Portugal tinha sido um país poderoso e que se tinha tornado um país pobre foi referida com frequência. Deve-se chamar a atenção para o facto de que no período em que decorreram as entrevistas passou um programa na cadeia televisiva semi-oficial NHK sobre a ascensão e queda de impérios e um dos episódios foi sobre o império português.¹⁹

Comparando as respostas dos entrevistados das diferentes regiões, não se notaram grandes diferenças, exceptuando no caso das pessoas com mais idade em Oita que sabiam com mais detalhe do que se tinha passado no século XVI. Por exemplo, um homem de setenta anos, sabia dos Portugueses em Oita e como tinham baptizado o *daimyo* Sorin Ootomo e destruído as religiões locais e o *Sekibutsu* (Buda de pedra) de Oita.

¹⁹ NHK canal 3, em 25 Setembro 1998 às 22:00 (*Portugaru: gaikai dokyomentari nobaru taiyou goku portugaru no seisui*, prosperidade e declínio de Portugal). Este programa foi sobre os Portugueses a chegar ao Japão, à Tailândia, Malaca, Goa e sobre a influência portuguesa nesses países. Incluiu também referências aos mártires de Nagasaki e terminou mostrando imagens actuais de Lisboa.

A figura que sobressai das entrevistas é Francisco Xavier.²⁰ Muitas vezes identificado como Português, algumas como Espanhol, entre as pessoas mais letradas é conhecido como tendo sido Basco. Os entrevistados tendiam a referir-se-lhe com carinho. Um dos entrevistados, bibliotecário em Hachioji (Tóquio), de sessenta anos, afirmou que Inácio de Loyola era o Rasputine, mas que Francisco Xavier era totalmente diferente pois gostava do Japão. É de facto a afeição genuína de Xavier pelo Japão que é mais lembrada. Quase todos os entrevistados focaram este ponto, acrescentando que os outros missionários não gostavam do Japão e portanto a atitude de os expulsar tinha sido correcta na época, embora tivesse tido posteriormente consequências negativas para o Japão devido ao isolamento em que caíu. Deve-se notar que a grande maioria dos entrevistados não tinha (ou não quis emitir) opinião sobre a expulsão dos Cristãos.

CONCLUSÃO

Da análise dos textos escolares podemos concluir que os principais pontos históricos são tratados, embora não de modo muito desenvolvido. Ressalta também a ideia de que Portugueses, comércio e Cristianismo são sempre associados e estão de facto historicamente associados, conforme vimos. A explicação da expulsão dos Cristãos não é aprofundada, embora se faça referência ao período de encerramento do Japão ao mundo exterior.

Porque são textos escolares, não há diferenças significativas entre eles. Todos tratam da versão oficial da história e da mesma maneira. Porque a esmagadora maioria de Japoneses frequenta a escolaridade obrigatória, não é de surpreender que fragmentos dos textos escolares sejam reproduzidos nas entrevistas. Contudo, são reconstruídos e coloridos por algumas lendas e costumes centenários.

Com base nas entrevistas feitas, parece que o que os Japoneses sabem dos Portugueses se limita ao que aprenderam na sua escolaridade obrigatória e a curtas notícias dadas pelos media. Tal como nos textos, comércio, Cristianismo e Portugueses parece não serem desassociados. Contudo, a ideia de que foram o primeiro contacto com o Outro existe. Os Portugueses são descritos como o Outro, saído dos textos escolares, sem real existência, e

²⁰ Decorreu uma exposição sobre Francisco Xavier em Tóquio em Junho de 1999, contudo nenhum dos entrevistados sabia da existência da exposição.

estão associados a uma recordação de qualquer coisa aprendida na infância. Contudo, parece haver consciência da dimensão cultural dos encontros históricos entre os dois povos e da importância que tiveram no Japão.

Este estudo foi o primeiro a ser feito no género e, como tal, pretende lançar as bases para um estudo posterior, estudo esse mais sistematizado e de outro porte.²¹

BIBLIOGRAFIA

- BOXER, C.
1929 *Papers on Portuguese, Dutch and Jesuit Influences in the 16th and 17th Japan*, Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co, Ltd..
1979 *The Affair of the 'Madre de Deus': a Chapter in the History of the Portuguese in Japan*, Writings of Charles Ralph Boxer compilados por Michael Moscato, Washington D.C.: University Publications of America, Ltd..
- GLUCK, C.
1985 *Japan's Modern Myths: Ideology in the Late Meiji Period*, Princeton: Princeton University Press.
- HEARN, L.
1922 *The Writings of Lafcadio Hearn*, Nova Yorque: Houghton Mifflin.
- HOWELL, D.
1994 *'Ainu Ethnicity and the Boundaries of the Early Modern State', Past and Present*, Oxford: Oxford University Press.
- MATSUDA, K.
1965 *The Relation between Portugal and Japan*, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.
- REISCHAUER, E.
1981 *Japan: The Story of a Nation* (3ª edição), Tóquio: Charles Tuttle.
- VALERY, P.
1984 *Japanese Culture* (3ª ed.), Honolulu: University of Hawaii Press.

²¹ Quero exprimir os meus agradecimentos a Shuji Taneguchi, da Universidade de Oita; a Shotaro Hamura, da Universidade Rikadai em Okayama; e a Tadashi Okanauchi, da Univesidade de Hosei em Tóquio, pela sua colaboração e o interesse demonstrado por este estudo.

YAMAUCHI, I.

1988 'The past and the present situation of the Christians in Japan', Kwansei Gakuin University, XXXVII, Dezembro.

Textos escolares

Atarashii Shakai Rekishi, Tokyo Shosei, 1997

Chuugaku Shakai, Rekishiteki Bunya, Kyouiku Pub., 1997

Chuugaku Shakai Rekishi, Shimizu Shoin, 1997

Shakai 6 jou, Kyouiku Shuppan Co, 1996

Shin Nihonshi, Kirihara Shoten, 1998

Shougakusei no Shakai 6 jou, Nihon Bunkyou Pub, 1996

Watashitachi no Shougaku Shakai 6 jou, Nihon Shosei, 1992

Youkai Nihonshi, Shimizu Shoin, 1998